# O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS EM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A AUTOESTIMA E AUTONOMIA

Laysse Alves Maciel de Jesus[1]
Graziela Patricia de Souza Alves Santos[2]

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre o desenvolvimento das competências socioemocionais, a autoestima e a autonomia em pessoas com deficiência. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, complementada por uma pesquisa de campo realizada por meio de um questionário estruturado respondido por pessoas com deficiência. Os dados obtidos foram analisados à luz da literatura sobre identidade, autoconhecimento, autorregulação emocional, empatia e competências socioemocionais. Os resultados apontaram que a determinação, a persistência e o reconhecimento das próprias potencialidades são aspectos relevantes para o fortalecimento da autoestima e consequentemente da autonomia. Também foi possível observar que o exercício da autonomia não depende exclusivamente de características individuais, mas está relacionado às condições de acessibilidade, ao respeito às diferenças, às oportunidades de participação e ao enfrentamento do capacitismo. Além disso, os relatos evidenciaram a importância das relações interpessoais e do sentimento de pertencimento para o reconhecimento de si e a participação social. As experiências relatadas oferecem subsídios para compreender aspectos que atravessam a realidade da pessoa com deficiência. Dessa forma, a pesquisa aponta para a importância de considerar tanto os recursos individuais quanto os fatores sociais e relacionais no desenvolvimento das competências socioemocionais, destacando a necessidade de ambientes acessíveis e inclusivos que favoreçam a autoestima, a autonomia e a participação social das pessoas com deficiência.

**Palavras-chave:** Autoestima. Autonomia. Competências socioemocionais. Pessoas com deficiência.

## 1. INTRODUÇÃO

A compreensão do desenvolvimento humano envolve a análise de múltiplos fatores que influenciam a construção da identidade e a inserção social dos indivíduos. Entre esses fatores, destacam-se a autoestima e a autonomia, dimensões essenciais para o bem-estar psicológico e

[1] Laysse Alves Maciel de Jesus, Acadêmica de Psicologia, Centro Universitário Cathedral-UNICATHEDRAL, e-mail: layssealvesmaciel@gmail.com
[2] Graziela Patricia de Souza Alves Santos, Graduada em Letras pela UFMT, Graduada em Gestão financeira pelas faculdades Unicathedral, Graduada em Psicologia pela UNIVAR, Pós Graduação em Docência no ensino superior pelas faculdades Unicathedral, Especialização em andamento em Atendimento Individual, grupo e família pelo Instituto de Gestalt Terapia (IGT) do Rio de Janeiro. grazielapatriciasas@gmail.com

para a capacidade de atuação no meio social. A autoestima refere-se à forma como o indivíduo percebe e avalia a si mesmo, enquanto a autonomia está relacionada à capacidade de tomar decisões e agir de maneira independente. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender a relação entre esses dois conceitos, bem como o papel das competências socioemocionais na sua construção.

De acordo com o dicionário online Dicio, o significado de autoestima é a "qualidade de quem se valoriza, está satisfeito com seu modo de ser, com sua forma de pensar ou com sua aparência física, expressando confiança em suas ações e opiniões". A partir dessa conceituação, compreende-se que a autoestima envolve não apenas a percepção que o indivíduo possui de si mesmo, mas também um conjunto de sentimentos e julgamentos que influenciam diretamente seu comportamento, suas relações interpessoais e sua capacidade de enfrentamento diante das adversidades.

Nesse sentido, a autoestima desempenha um papel fundamental na construção da identidade, uma vez que está associada ao reconhecimento das próprias potencialidades e limitações, favorecendo o desenvolvimento de atitudes mais seguras e assertivas. Além disso, segundo Marcelino e Elias (2003), a autoestima contribui para o bem-estar psicológico e social, possibilitando maior engajamento nas atividades cotidianas e maior capacidade de tomada de decisão, aspectos essenciais para o exercício da autonomia e para a participação ativa do indivíduo na sociedade.

O significado de autonomia, segundo o dicionário online Dicio, é a "competência para gerir sua própria vida, fazendo uso de seus próprios meios, vontades ou princípios". A partir dessa definição, entende-se que a autonomia está relacionada à capacidade do indivíduo de tomar decisões conscientes, agir de forma independente e assumir responsabilidade por suas escolhas. Trata-se de uma dimensão essencial do desenvolvimento humano, pois envolve não apenas a liberdade de ação, mas também a habilidade de refletir sobre as próprias condutas e suas consequências.

Segundo Marcelino e Elias (2003), ao discutir a perspectiva de B. F. Skinner (1989/1991), "a autoestima é compreendida como um fenômeno construído no contexto de uma comunidade verbal, sendo desenvolvida por meio do reforçamento social" (p. 331). Assim, pode-se perceber que a cultura exerce um papel fundamental ao reforçar determinados comportamentos, produzindo nos indivíduos "condições corporais que podem ser observadas e valorizadas pela própria pessoa" (Skinner 1989/1991 apud Marcelino e Elias 2003, p. 331). Dessa forma, a autoestima não é apenas um atributo individual, mas também um produto das

interações sociais e culturais, desempenhando, inclusive, uma função relevante na manutenção dos padrões culturais.

Nesse contexto, a autoestima e a autonomia configuram-se como dimensões interdependentes no desenvolvimento humano. Indivíduos que apresentam níveis mais elevados de autoestima tendem a demonstrar maior segurança para agir de forma autônoma, enquanto a vivência de experiências autônomas contribui para o fortalecimento da autoconfiança e da percepção de competência. Essa relação evidencia que o desenvolvimento dessas dimensões ocorre de maneira integrada, dinâmica e continuamente influenciada pelas experiências sociais vivenciadas ao longo da vida.

As competências socioemocionais como empatia, autorregulação, autoconhecimento e habilidades relacionais desempenham papel central na construção da identidade e na participação social, uma vez que constituem ferramentas fundamentais para o desenvolvimento psicológico e para a interação do indivíduo com o meio. Essas competências permitem ao sujeito compreender suas próprias emoções, reconhecer os sentimentos dos outros e agir de maneira adequada e assertiva em diferentes contextos sociais, contribuindo para a formação de uma identidade mais integrada e coerente.

A identidade, na perspectiva da Psicologia Social Crítica, não é compreendida como algo fixo ou imutável, mas como um processo contínuo de construção e transformação, constituído a partir das relações sociais e das experiências vivenciadas pelo indivíduo. Para Miranda (2014), a identidade é construída na relação entre o sujeito e o contexto social, envolvendo processos de socialização e individualização. Dessa forma, o indivíduo não apenas recebe influências do meio em que está inserido, mas também participa ativamente da construção de sua identidade, atribuindo significados às experiências e transformações vivenciadas ao longo da vida.

Desse modo, a construção da identidade está relacionada ao reconhecimento de si e à possibilidade de desenvolver autonomia. A autoconsciência permite que o indivíduo reflita sobre suas características, experiências, escolhas e sobre a forma como é reconhecido nas relações sociais, favorecendo a construção de uma percepção mais consciente sobre si mesmo. No caso das pessoas com deficiência, essa compreensão é especialmente importante, pois a identidade não deve ser reduzida à deficiência ou às limitações funcionais, mas compreendida a partir de suas múltiplas experiências, potencialidades, relações e escolhas. Assim, quando há reconhecimento, respeito e oportunidades de participação social, podem ser fortalecidas a autopercepção positiva, a autoestima e a capacidade de tomar decisões sobre a própria vida, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia.

Conforme Martins (2001) o autoconhecimento na psicologia empírica “significa o conhecimento do “eu” como ele aparece no tempo, a forma do sentido interno” (P. 62). O autoconhecimento se destaca como elemento essencial no processo de desenvolvimento da autoestima e consequentemente autônima, pois possibilita ao indivíduo identificar suas características pessoais, valores, crenças e emoções. A partir dessa compreensão, torna-se possível desenvolver maior clareza sobre si mesmo, o que favorece a construção de uma identidade estável, fortalecida e consciente. Além disso, o autoconhecimento está relacionado à capacidade de tomada de decisão, aspecto fundamental para o exercício da autonomia.

De acordo com CERQUEIRA *et al* (2018):

> ... a autorregulação emocional compreende-se o “processo pelo qual os indivíduos são capazes de influenciar as emoções que sentem e quando as sentem e, também, a forma como experienciam e expressam essas mesmas emoções” (Gross, 1998, p. 275 *apud* Cerqueira et al p. 81).

Desse modo, autorregulação emocional refere-se à capacidade de gerir e controlar as próprias emoções diante de diferentes situações. Essa competência é fundamental para o equilíbrio psicológico, pois permite ao indivíduo lidar de forma mais adaptativa com frustrações, conflitos e desafios cotidianos. Indivíduos com maior capacidade de autorregulação tendem a apresentar comportamentos mais ajustados socialmente, o que favorece sua inserção e participação nos diversos contextos sociais.

A empatia constitui um construto multidimensional relevante para a compreensão das relações humanas e do comportamento social. Do ponto de vista filosófico, “é entendida como uma forma de união ou fusão com outros seres ou objetos”, conforme proposto por Nicola Abbagnano (1998*) apud* Formiga (2012), enquanto, no campo da psicologia, pode ser definida como uma experiência indireta de uma emoção semelhante àquela vivenciada por outra pessoa, segundo Nancy Eisenberg e Paul A. Miller (1987) *apud* Formiga (2012). Essas concepções apontam para a empatia como uma capacidade estruturante do ser humano, relacionada à possibilidade de compreender, compartilhar e responder às experiências emocionais do outro, favorecendo o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos.

A empatia, entendida como a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos do outro, desempenha um papel central na construção das relações interpessoais. Essa habilidade favorece o respeito às diferenças, a cooperação e a convivência social harmoniosa. Ao desenvolver a empatia, o indivíduo amplia sua capacidade de estabelecer vínculos afetivos e sociais, fortalecendo sua participação na comunidade.

As habilidades relacionais, por sua vez, são fundamentais para a convivência social, uma vez que envolvem competências como comunicação, escuta, respeito e empatia. Nesse

contexto, a empatia torna-se fundamental nas relações humanas, compreendendo-a como a capacidade de perceber e compreender os sentimentos e experiências do outro de maneira sensível e acolhedora. Essa perspectiva evidencia que relações interpessoais saudáveis favorecem o desenvolvimento emocional e social dos indivíduos, fortalecendo sua participação na sociedade.

Conforme Fortes *et al* (2025):

> ....a "empatia" é uma das atitudes mais importantes na relação interpessoal, tanto para a compreensão da dinâmica da personalidade quanto para a realização de mudanças na personalidade e no comportamento. Refere-se a uma das maneiras mais sutis e poderosas no funcionamento pessoal e integral de uma relação. Nesta perspectiva, a empatia se torna necessária, pois pode contribuir ao resgate do humano e das relações, questionados anteriormente. Isso ocorre devido a possibilidade de se constituir na relação com o outro e, assim, torna-se pessoa, porque no momento que se deixa de viver essa possibilidade de construção de vínculos, questiona-se a vivência do que é ser social. (Fortes et al, 2025 p. 3)

Dessa forma, compreende-se que a empatia desempenha um papel essencial nas relações interpessoais e no desenvolvimento humano, uma vez que favorece a compreensão mútua, o fortalecimento dos vínculos afetivos e a construção de relações mais saudáveis e humanizadas. Além de contribuir para mudanças positivas no comportamento e na personalidade, a empatia possibilita ao indivíduo reconhecer o outro em sua singularidade, promovendo respeito, acolhimento e cooperação social. Nesse sentido, em uma sociedade marcada pela fragilidade das relações interpessoais, o desenvolvimento da empatia torna-se fundamental para a promoção de interações mais significativas, fortalecendo a participação social e o sentimento de pertencimento coletivo.

Essa explanação sobre autoestima, autonomia e competências socioemocionais, torna-se fundamental para compreender a realidade das pessoas com deficiência, quanto as suas singularidades e os desafios enfrentados no contexto social. A pessoa com deficiência deve ser reconhecida para além de suas limitações funcionais, sendo compreendida como sujeito de direitos, dotado de potencialidades, capacidades e possibilidades de desenvolvimento. Nesse sentido, as experiências sociais vivenciadas por essas pessoas influenciam diretamente a construção de sua identidade, autoestima e autonomia, especialmente diante das barreiras comunicacionais e atitudinais, urbanísticas e arquitetônicas, tecnológicas, entre outras, que ainda estão presentes na sociedade.

Conforme a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência número 13.146 de 6 de julho de 2015:

> Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (Art. 2º)

A partir dessa definição, compreende-se que a deficiência não deve ser entendida apenas pelas limitações individuais, mas também pelas barreiras que dificultam a inclusão e a participação social dessas pessoas. Nesse contexto, torna-se fundamental a compreensão de aspectos emocionais, sociais e psicológicos da pessoa com deficiência para promover ações que favoreçam o seu desenvolvimento integral. De modo, que o fortalecimento da autoestima, da autonomia e das competências socioemocionais apresenta-se como elemento essencial para ampliar a participação social, o reconhecimento das potencialidades e o exercício da cidadania de forma mais igualitária e inclusiva.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Para produção desse trabalho cientifico, foi utilizada uma abordagem de pesquisa bibliográfica e documental, tendo como base artigos científicos, livros, legislações e outras produções acadêmicas relacionadas ao desenvolvimento das competências socioemocionais, autoestima, autonomia e à realidade das pessoas com deficiência. Entre os materiais utilizados, destaca-se a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), além de artigos e estudos que contribuíram para a compreensão dos aspectos psicológicos, sociais e emocionais relacionados ao tema.

Além da pesquisa bibliográfica e documental, foi realizada uma pesquisa de campo por meio da aplicação de um questionário com 8 perguntas objetivas e duas perguntas dissertativas, com o objetivo de obter informações sobre as experiências e percepções relacionadas à realidade das pessoas com deficiência diante das questões abordadas neste trabalho. As informações obtidas por meio do questionário foram utilizadas como subsídios para a discussão e reflexão sobre o desenvolvimento da autoestima, da autonomia, da identidade e das competências socioemocionais, buscando relacionar os conhecimentos encontrados na literatura com aspectos observados na realidade vivenciada pelas pessoas com deficiência.

## 3. RESULTADOS

Durante a realização da pesquisa de campo, uma das principais dificuldades encontradas foi a obtenção de participantes para responder ao questionário. Inicialmente, buscou-se alcançar um número maior de pessoas com deficiência, realizando convites e encaminhando o

questionário para pessoas que poderiam participar da pesquisa. Entretanto, mesmo com a divulgação e o envio do instrumento, muitas pessoas não chegaram a responder, o que resultou em um número reduzido de participantes. Essa situação tornou o processo de coleta de dados mais desafiador do que o inicialmente previsto.

Essa dificuldade também possibilitou uma reflexão sobre as condições de participação das pessoas com deficiência em pesquisas acadêmicas. A ausência de respostas não deve ser compreendida simplesmente como falta de interesse dos participantes, pois podem existir diferentes fatores envolvidos, como dificuldades de acesso, pouca disponibilidade ou outras barreiras que podem interferir na participação. No presente estudo, foram obtidas oito respostas, que, embora representem um número menor do que o inicialmente planejado, possibilitaram identificar experiências e percepções importantes sobre autoestima, autonomia e participação social da pessoa com deficiência. Dessa forma, os dados obtidos constituem uma aproximação inicial da realidade investigada e podem contribuir para reflexões e estudos posteriores.

## 4. DISCUSSÃO

A análise das respostas obtidas por meio do questionário permitiu compreender como as pessoas com deficiência percebem aspectos relacionados à autoestima, autonomia, identidade e às relações sociais. Os resultados demonstraram que esses aspectos estão relacionados tanto às características e recursos pessoais quanto às experiências vivenciadas no ambiente social.

Nas respostas relacionadas à confiança e à independência, alguns participantes destacaram a importância de acreditar em si mesmo, não desistir, pensar positivamente e reconhecer as próprias capacidades. Expressões como “fome de vencer”, “não desistir” e “pensar positivo” demonstram a importância que os participantes atribuem aos recursos internos para enfrentamento as dificuldades. Esses relatos podem ser relacionados ao conceito de autoestima apresentado por Marcelino e Elias (2003), que compreendem a autoestima como um fenômeno construído também a partir das interações sociais e do reforçamento social. Dessa forma, a maneira como a pessoa percebe suas capacidades e recebe reconhecimento em suas relações pode contribuir para a construção de uma percepção mais positiva de si.

Essa relação também pode ser observada quando os participantes associam confiança à possibilidade de reconhecer suas próprias capacidades. A autoestima, conforme discutido na introdução, está relacionada ao reconhecimento das potencialidades e limitações e pode favorecer atitudes mais seguras, o engajamento nas atividades e a tomada de decisões. Marcelino e Elias (2003) destacam justamente a relação entre autoestima, bem-estar psicológico

e capacidade de tomada de decisão, aspectos importantes para o exercício da autonomia. Assim, os relatos dos participantes sugerem que sentir-se capaz pode favorecer uma maior segurança para agir e participar dos diferentes espaços sociais.

Outro aspecto importante identificado nas respostas foi a necessidade de reconhecimento e respeito. Um dos participantes afirmou que é necessário “ser tratado normalmente, sem capacitismo”, enquanto outro destacou que “só queremos ser tratados por igual”. Esses relatos demonstram que a experiência da pessoa com deficiência não depende somente de suas características individuais, mas também da maneira como é percebida e tratada pelas outras pessoas. Nesse sentido, os resultados se aproximam da perspectiva apresentada por Miranda (2014), segundo a qual a identidade é construída continuamente nas relações sociais e nas experiências vivenciadas pelo indivíduo. A identidade, portanto, não é algo fixo, mas um processo de construção e transformação que envolve a relação entre o sujeito e o contexto social.

A partir dessa perspectiva, pode-se compreender que experiências de preconceito, capacitismo ou desvalorização podem interferir na maneira como a pessoa se reconhece e se posiciona socialmente. Por outro lado, relações baseadas em respeito, autoconhecimento e oportunidades podem contribuir para fortalecer a autopercepção positiva e favorecer o desenvolvimento da autonomia. Essa compreensão está de acordo com a construção da identidade e ao autoconhecimento e às possibilidades de participação social da pessoa com deficiência.

Um dos participantes afirmou que “me sentir confiante e independente não significa deixar de reconhecer minhas limitações, mas descobrir o que posso construir a partir delas”. Esse relato demonstra que reconhecer as próprias limitações não significa considerar-se incapaz. Pelo contrário, representa uma forma mais consciente de compreender a si mesmo, identificando possibilidades, capacidades e formas de lidar com as dificuldades. Essa percepção pode ser relacionada a Martins (2001), que compreende o autoconhecimento como o conhecimento do próprio “eu”, possibilitando maior compreensão das características pessoais, valores, crenças e emoções.

Assim, o autoconhecimento pode contribuir para que a pessoa com deficiência reconheça suas necessidades e potencialidades, estabeleça limites e participe de decisões relacionadas à própria vida. A resposta do participante demonstra justamente essa relação, pois a confiança não aparece como a ausência de limitações, mas como a capacidade de reconhecer essas limitações e, ao mesmo tempo, perceber aquilo que pode ser construído a partir delas.

Outro resultado importante está relacionado à autorregulação emocional. As respostas que demonstram persistência diante das dificuldades e busca por manter pensamentos positivos podem ser compreendidas em relação à capacidade de lidar com emoções e situações adversas. Conforme Cerqueira et al. (2018), a autorregulação emocional envolve a capacidade de influenciar a forma como as emoções são sentidas, experienciadas e expressas. Essa competência pode favorecer uma maneira mais adaptativa de lidar com frustrações, conflitos e desafios cotidianos. Assim, os relatos dos participantes sugerem que o desenvolvimento dessa competência pode contribuir para o enfrentamento das dificuldades presentes no cotidiano.

As relações interpessoais também apareceram de forma significativa nos resultados. Os participantes não mencionaram apenas características individuais, mas destacaram a importância de serem respeitados, tratados de forma igualitária e terem oportunidades de participação. Esse resultado pode ser relacionado à importância da empatia nas relações sociais. Formiga (2012) apresenta a empatia como uma capacidade relacionada à compreensão das experiências emocionais do outro, favorecendo o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos.

Da mesma forma, Fortes et al. (2025) destacam a importância da empatia para as relações interpessoais e para a construção de vínculos. A partir dessa perspectiva, percebe-se que uma sociedade mais empática pode contribuir para relações mais respeitosas e acolhedoras com as pessoas com deficiência. Dessa maneira, o desenvolvimento das competências socioemocionais não deve ser entendido apenas como uma responsabilidade da pessoa com deficiência, mas também como uma necessidade das relações sociais, especialmente quando se busca promover respeito, inclusão e pertencimento.

A questão da acessibilidade também apareceu nas respostas. Um participante afirmou que “quando damos acessibilidade, respeito e oportunidade, a pessoa consegue desenvolver muito mais sua própria autonomia”. Essa resposta demonstra que a autonomia não depende somente da capacidade individual, mas também das condições oferecidas pelo ambiente. Essa compreensão está diretamente relacionada à Lei Brasileira de Inclusão, que define a pessoa com deficiência considerando a interação entre o impedimento e as barreiras que podem dificultar sua participação plena e efetiva na sociedade.

Desse modo, os resultados reforçam que muitas das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência não estão exclusivamente na deficiência, mas também nas barreiras existentes nos espaços sociais. Quando não há acessibilidade, respeito ou oportunidades, a possibilidade de exercer a autonomia pode ser reduzida. Por outro lado, quando essas condições são oferecidas, aumentam as possibilidades de participação, escolha e desenvolvimento da independência.

Essa compreensão também pode ser relacionada à identidade. Miranda (2014) apresenta a identidade como um processo contínuo de transformação, construído nas relações sociais e nas experiências do indivíduo. Assim, quando uma pessoa com deficiência encontra espaços em que suas capacidades são reconhecidas, pode construir novas formas de se perceber e de participação social. A identidade, portanto, não deve ser reduzida à deficiência, mas compreendida a partir das diferentes experiências, relações, escolhas e possibilidades que fazem parte da trajetória de cada pessoa, seja com deficiência ou não.

Um dos relatos que mais evidencia essa questão foi o de um participante que afirmou sentir que “todos os lugares que estou não me pertencem” e que vive em “um mundo que não foi feito” para ele. O participante também relatou que “gasto mais energia tentando pertencer”. Esse recorte do relato demonstra que a falta de acessibilidade e de reconhecimento pode ultrapassar as dificuldades práticas e afetar também o sentimento de pertencimento. Nesse caso, a necessidade constante de se adaptar a espaços que não consideram diferentes formas de existência pode gerar um desgaste que interfere na participação social.

Assim, os resultados encontrados permitem compreender que autoestima, autonomia, identidade e competências socioemocionais estão profundamente relacionadas. A autoestima pode contribuir para uma maior segurança e percepção de capacidade, o autoconhecimento favorece a compreensão das próprias características e possibilidades, a autorregulação auxilia no enfrentamento das situações difíceis, e a empatia e as habilidades relacionais favorecem relações mais respeitosas e inclusivas. Ao mesmo tempo, essas dimensões são influenciadas pelas experiências sociais vivenciadas pela pessoa com deficiência.

Portanto, os resultados da pesquisa indicam que promover a autonomia das pessoas com deficiência não significa apenas incentivar que elas sejam independentes individualmente. É necessário também garantir acessibilidade, respeito, reconhecimento, oportunidades e participação social. Dessa forma, o desenvolvimento das competências socioemocionais e da autoestima deve ser compreendido juntamente com a transformação das condições sociais que ainda produzem barreiras. Os relatos dos participantes reforçam, assim, a necessidade de reconhecer a pessoa com deficiência para além de suas limitações, valorizando suas potencialidades, escolhas, identidade e direito de participar plenamente da sociedade.

## 5. CONCLUSÃO

A realização deste trabalho possibilitou compreender que o desenvolvimento das competências socioemocionais em pessoas com deficiência está relacionado a diferentes aspectos psicológicos e sociais, especialmente à autoestima, à autonomia e à construção da

identidade. A partir da revisão da literatura e das respostas obtidas por meio do questionário, foi possível perceber que esses elementos não podem ser analisados de maneira isolada, pois estão relacionados às experiências individuais e às condições sociais nas quais a pessoa com deficiência está inserida.

Os resultados obtidos indicaram que características como determinação, persistência, pensamento positivo, autoconhecimento e reconhecimento das próprias capacidades podem contribuir para o fortalecimento da autoestima e da autonomia. Ao mesmo tempo, as respostas demonstraram que o desenvolvimento da autonomia não depende somente de características individuais. O respeito, a acessibilidade, as oportunidades de participação e a forma como a sociedade se relaciona com a pessoa com deficiência também exercem influência significativa nesse processo.

Desse modo, os relatos dos participantes reforçam a compreensão apresentada por Marcelino e Elias (2003), de que a autoestima está relacionada ao bem-estar, à tomada de decisões e à autonomia. Também foi possível relacionar os resultados à perspectiva de Miranda (2014), segundo a qual a identidade é construída e transformada continuamente nas relações sociais e nas experiências vivenciadas. Assim, torna-se importante compreender a pessoa com deficiência para além de sua limitação, considerando sua história, suas potencialidades, seus vínculos, suas escolhas e seus projetos de vida.

As respostas também evidenciaram a presença de barreiras sociais e atitudinais, especialmente relacionadas ao capacitismo e à necessidade de ser reconhecido e tratado com equidade. Esses aspectos demonstram que, muitas vezes, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência não estão exclusivamente relacionadas às suas condições individuais, mas às barreiras existentes nos espaços sociais. Essa compreensão está de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), que considera a deficiência em interação com as barreiras que podem dificultar a participação plena e efetiva da pessoa na sociedade.

Outro aspecto relevante identificado foi a importância das relações interpessoais. O respeito, o apoio, a empatia e o sentimento de pertencimento aparecem como elementos importantes para que a pessoa possa desenvolver maior confiança e segurança em sua participação social. Nesse sentido, as contribuições de Formiga (2012) e Fortes et al. (2025) ajudam a compreender a importância da empatia e dos vínculos para as relações humanas, reforçando que o desenvolvimento socioemocional também acontece nas relações estabelecidas com outras pessoas.

A pesquisa de campo apresentou como uma de suas principais limitações o número reduzido de participantes. Embora inicialmente se buscasse alcançar um número maior de

pessoas com deficiência, foram obtidas oito respostas. Apesar dessa limitação, os relatos possibilitaram identificar aspectos importantes relacionados à autoestima, autonomia, identidade e participação social. Dessa forma, os resultados devem ser compreendidos como uma aproximação inicial do fenômeno estudado, não sendo possível generalizá-los para toda a população de pessoas com deficiência.

Por fim, compreende-se que promover o desenvolvimento das competências socioemocionais em pessoas com deficiência não significa responsabilizar exclusivamente o indivíduo por sua autoestima, autonomia ou participação social. É necessário também construir ambientes mais acessíveis, respeitosos e inclusivos, nos quais as pessoas tenham oportunidades reais de escolha, participação ativa. Assim, a Psicologia pode contribuir para uma compreensão mais ampla da pessoa com deficiência, valorizando sua subjetividade, suas potencialidades e sua autonomia, ao mesmo tempo em que reconhece a influência das relações sociais e das barreiras presentes na sociedade.

Portanto, verificou-se que autoestima, autonomia, identidade e competências socioemocionais estão profundamente relacionadas e podem ser fortalecidas quando o indivíduo é reconhecido em sua singularidade e encontra condições para participar da sociedade em igualdade e equidade de oportunidades. Mais do que desenvolver capacidades individuais, é fundamental contribuir para a construção de contextos sociais nos quais as pessoas com deficiência possam exercer suas escolhas, ocupar diferentes espaços e construir seus próprios projetos de vida com dignidade e respeito.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 09/05/2026.

DICIO, Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. Todas as palavras de A a Z. Disponível em: https://www.dicio.com.br/autoestima/. Acesso em: 26/04/2026.

DICIO, Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. Todas as palavras de A a Z. Disponível em: https://www.dicio.com.br/autonomia/. Acesso em: 26/04/2026.

GASPAR, T.; GARCIA, C.; CERQUEIRA, A. **CAPACITAR: Desenvolvimento de Competências Socioemocionais em Contexto Comunitário**. Lisboa: Aventura Social Associação; Nuclisol Jean Piaget, 2018. Disponivel em: https://static1.squarespace.com/static/650dba1fb4df7972e0e45883/t/68764b3613c28164581f4420/1752582969082/Livro_CAPACITAR.pdf. Acesso em 22/04/2026.

FORMIGA, NILTON SOARES. **Os estudos sobre empatia: reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas**. Pisicologia PT. Portal dos Psicólogos. Documento produzindo em 29.09.2012. Disponível em: www.psicologo.pt. Acessado em: 26/04/2026.

FORTES, MARIA SOCORRO DO PILAR MAUÉS; RIBEIRO, ELIZABETE CRISTINA MONTEIRO; ESPIRÍTO SANTO, PATRÍCIA DO SOCORRO MAGALHÃES FRANCO DO; E GONÇALVES, JOYCE MARIA VANZELER. **Reflexões a partir da empatia em carl rogers e as relações interpessoais líquidas em zygmunt bauman**. V. 14 Nº 1 (2025): REVISTA CIÊNCIA & SAÚDE - Edição Especial. Disponível em: https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/740. Acessado em: 09/05/2026.

SCHULTHEISZ, T. S. D. V.; APRILE, M. R. **Autoestima: conceitos correlatos e avaliação**. Revista Equilíbrio Corporal e Saúde, v. 5, n. 1, p. 36-48, 2013.

MARCELINO, MADELEINE REINERT; ELIAS, NASSIM CHAMEL. **O que é autoestima para os analistas do comportamento? Uma revisão sistemática**. INTERAÇÃO EM PSICOLOGIA. Vol. 27, Nº 02, 2023. Disponível em: O que é autoestima para os analistas do comportamento? Uma revisão sistemática | Interação em Psicologia. Acessado em: 15/04/2026

MARTINS, CLÉLIA APARECIDA. **O autoconhecimento na psicologia empírica de kant.** Cad. Hist. Fil. Ci., Campinas, Série 3, v. 11, n. 2, p. 59-87, jul.-dez. 2001.

MIRANDA, Sheila Ferreira. **Identidade sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria**. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 5,

n. 2, p. 124-137, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/7021/702176881004.pdf. Acessado em 03/10-2026